
LEITURAS PÓS-COLONIAIS D'A TEMPESTADE: UM BREVE PANORAMA

*In the story of Prospero and Caliban, Shakespeare had dramatized the practice and psychology of colonization years before it became a global phenomenon.*¹

Ngugi Wa Thiong'o, Homecoming

Sirlei Santos Campos²

RESUMO

É imenso o número de leituras, ou melhor, releituras ou apropriações d'A tempestade, de Shakespeare. Autores originários de países que passaram por um processo de colonização encontram no texto shakesperiano inspiração para denunciar, de forma diversa, a opressão vivida por seu povo. A tempestade, com suas personagens, Próspero e Caliban, respectivamente representando o colonizador e o colonizado, tem sido usada como metáfora para a situação colonial. O presente trabalho tem como objetivo fazer um levantamento de algumas das principais releituras pós-coloniais da peça shakesperiana.

¹ Na história de Próspero e Caliban, Shakespeare dramatizou a prática e a psicologia da colonização anos antes de se tornarem um fenômeno global.

² Mestre em Literaturas de Expressão Inglesa - Universidade Federal de Viçosa

A importância d'A tempestade para a discussão do colonial e pós-colonial tem sido inegável. A peça shakesperiana tem gerado vastas leituras críticas e criativas relacionadas à questão do pós-colonialismo. As personagens dessa peça têm sido apropriadas e transformadas de acordo com o tempo e a geografia de diversos escritores. Autores, especialmente aqueles envolvidos com a política das nações em desenvolvimento, têm-se apropriado de Caliban, Próspero, algumas vezes de Ariel e, menos frequentemente, de Miranda, para dar voz às questões sócio-políticas de seus países.

Como um estudo minucioso das várias apropriações da peça pode nos mostrar, A tempestade tem refletido diferentes e significantes tendências históricas, sociais e políticas desde o século dezessete. No entanto, podemos dizer que a peça é especialmente representante de uma era em que prevalecia o maravilhoso, em que reinavam o encontro e o confronto, juntamente com a usurpação. Europeus lançavam-se ao mar à procura do desconhecido. Suas aventuras mudaram o curso da história: fortunas foram criadas; povos inteiros aniquilados: enquanto a história do europeu era escrita, a do nativo era apagada. O paraíso tropical se tornou cenário de uma peça de opressão e genocídio, intitulada "Grandes Descobertas". Enquanto isso no Velho Mundo, na Inglaterra para ser mais preciso, Shakespeare escreve A tempestade.

A peça de Shakespeare foi escrita entre a segunda metade de 1610 e a primeira de 1611. Shakespeare usou histórias de descobridores que eram bastante populares no período elisabetano, para criar A tempestade. Provavelmente leu sobre os nativos do Novo Mundo, uma vez que eles ecoam em sua obra. Por exemplo, ele menciona

as Bermudas, que foram descobertas e colonizadas a partir de 1609: "From the still-vex'd Bermoothes" (I.ii. 229). Além do mais, a descrição da ilha na peça é similar à descrição da Virgínia (Takaki, 1992: 896).

A metáfora d'A tempestade está ligada basicamente à dicotomia Próspero-Caliban, com a esporádica aparição de Ariel. Próspero e Caliban exemplificam a relação entre o colonizador e o colonizado. Próspero representa o colonizador usurpador, uma vez que ele se apodera da ilha de Caliban. Caliban, como Ariel, representa o colonizado. Como ele não aceita a colonização, Caliban é retratado como um "selvagem", enquanto Ariel – o assimilacionista – é premiado por obedecer. A rebelião de Caliban é expressa, principalmente, quando ele diz que a única vantagem que teve em aprender a língua do colonizador foi poder amaldiçoá-lo. A frase de Caliban tem sido usada como lema para muitos povos colonizados que têm de usar a língua do colonizador para lutar contra uma opressão, também, "lingüística".

Antes da segunda metade deste século Próspero e Caliban representavam papéis bem diferentes dos de colonizador-colonizado estabelecidos mais tarde. É interessante notar que alguns escritores latino-americanos viam Caliban como o opressor, como o exemplo do domínio dos Estados Unidos sobre o restante da América. O que antes fora também colonizado transforma-se em colonizador. O primeiro a elaborar essa imagem foi o jornalista e poeta nicaraguense Rubén Darío, que viu Caliban como um yankee. Em 1900, o uruguaio José Enrique Rodó publicou um trabalho chamado Ariel, no qual identifica a personagem de Shakespeare com o intelectual latino-americano, enquanto Caliban representava o pragmatismo e todos os vícios atribuídos

aos Estados Unidos. Próspero, no livro, é um respeitável professor que aconselha seus alunos a valorizar a arte, a beleza, a verdade e a sensibilidade enquanto repudiam o materialismo. Nesse contexto, enquanto Ariel representava a espiritualidade, a inteligência e as culturas européias e clássicas, Caliban era símbolo do pior, na civilização norte-americana (Vaughan/Vaughan, 1991).

Ariel, de Rodó, foi, em parte, uma resposta à criativa adaptação francesa da peça de Shakespeare, Caliban, suite de *La tempête* (1878), escrita por Ernest Renan. Aqui, Renan dá o comando de Milão a Caliban; Próspero está morto, e Ariel desapareceu no ar; Caliban é retratado como um ser extremamente conservador e manipulador. Os intelectuais franceses não simpatizaram muito com a formulação de Renan. Alfred Fouillée (1878) mostrou sua insatisfação em *L'idée moderne du droit en Allemagne, en Angleterre et en France*, na qual ele argumenta que Ariel deveria retornar à peça como uma outra e necessária dimensão de Caliban. Então, em 1881 Renan escreveu uma outra peça chamada *L'eau de jeunesse*: suite de Caliban; contudo, Ariel ainda é uma personagem insignificante (Idem).

Em *Caliban parle* (1928), o escritor francês Jean Guéhenno retrata Caliban mais simpaticamente do que nas obras anteriores. Alguns anos mais tarde, o argentino Aníbal Ponce publica *Humanismo burgués y humanismo proletario* (1938), onde Caliban é favoravelmente identificado com o povo oprimido e explorado (Idem).

Segundo Alden Vaughan e Virginia Vaughan, a mudança na imagem de Caliban, de opressor para oprimido, teve início quando os intelectuais da América Latina começaram a valorizar mais suas

heranças indígenas e a dar voz a um sentimento nacionalista que clamava por independência. Para esses autores, o simbolismo de Caliban como o opressor (os Estados Unidos) ou o oprimido, construído pela maioria dos escritores do "Terceiro Mundo", não revela nenhuma preocupação com as fontes ou intenções de Shakespeare. Como eles afirmam, "a interpretação que o Terceiro Mundo faz de Caliban é simbólica, não histórica; concebe Caliban pelo que ele representa ao observador, não pelo que Shakespeare tinha em mente" (1991:291, tradução minha). Essa frase parece problemática por duas razões. Primeiro, é difícil, ou melhor, impossível delimitar quais foram as reais intenções de Shakespeare, embora muitos críticos literários tenham freqüentemente tentado fazê-lo. Então, por que as interpretações dos países em desenvolvimento devem fazer o mesmo? Segundo, a interpretação "simbólica" de Caliban pode não ser muito diferente das interpretações chamadas "históricas", embora se questione o que seria uma interpretação "histórica" de Caliban. Existe tal coisa? Talvez se existisse essa interpretação, como se justificaria a existência de várias leituras – e até de leituras contrárias – da mesma personagem e da mesma peça? A peça é tão complexa que seu discurso está aberto a diferentes e diversas interpretações. Dessa maneira, não deve causar surpresa que, em um específico tempo histórico – movimentos de descolonização –, a peça tenha favorecido interpretações baseadas na dicotomia colonizador-colonizado.

Por volta de 1950, países que ainda estavam sob opressão imperial começaram a se rebelar contra os poderes dominantes. Colônias na América, África e Ásia estavam clamando por independência; revoluções estavam sendo moldadas. Foi nesse cenário que as personagens d'A

tempestade, tanto quanto a peça, começaram a incorporar diferentes significados. Essa mudança de significado ocorre devido à contribuição de Octave Mannoni, seguido mais tarde por George Lamming, Aimé Césaire, Roberto Fernández Retamar, Edward Kamau Brathwaite, Augusto Boal e outros.

Em 1948, Octave Mannoni, um oficial francês, escreveu *La psychologie de la colonization*, traduzido para o inglês em 1956 como *Prospero and Caliban: The Psychology of Colonization* no qual ele tenta explicar as mentes dos colonizadores e colonizados. Ele descreve o “complexo de dependência” que, segundo ele, é inato em todos e do qual o indivíduo se separa à medida que vai ficando adulto. O rompimento com esse complexo pode ser negativo para algumas pessoas que não conseguem superar o sentimento de abandono resultante e que, por isso, desenvolvem um outro complexo, o “complexo de inferioridade”. Segundo Mannoni, esse complexo de inferioridade está sempre presente no colonizador, que, como consequência, é compelido a dominar e algumas vezes a usar a força contra outras pessoas. No entanto, no colonizado o “complexo de dependência” nunca desaparece; na verdade, é até reforçado. Então o colonizado desenvolve uma necessidade de estar sob o constante controle do colonizador. A “psicologia da colonização” está criada; nem o dependente nem o europeu são capazes de superar os seus primeiros complexos. Não é difícil prever quais papéis Próspero e Caliban irão incorporar.

A formulação de Mannoni foi amplamente criticada. Em *Black Skin, White Masks* (1952), Frantz Fanon dedica um capítulo intitulado “The So-called Dependency Complex of Colonised Peoples” em resposta à obra de Mannoni. Fanon afirma que, de

acordo com a “psicologia da colonização” de Mannoni, não existe saída para os povos colonizados a não ser considerarem a si mesmos inferiores. Para Fanon, os complexos são construídos devido à idéia racista de que os europeus são superiores aos não-europeus. Em situações coloniais essas idéias estão sempre tão presentes, principalmente por meio de opressão, que os colonizados acabam se considerando inferiores, reforçando, dessa maneira, as relações racistas inauguradas pelos europeus. A obra de Mannoni também foi criticada por Aimé Césaire em *Discourse on Colonialism*. Apesar de toda a crítica que seu trabalho gerou, Peter Hulme afirma que a análise que Mannoni faz da personalidade de Próspero continua a ser um marco no estudo da situação colonial (Hume, 1993, p. 121).

Outra obra seminal foi a de Lamming, *The Pleasures of Exile* (1960), escrita em um período em que o Caribe Britânico estava ainda sob o domínio da Inglaterra. A leitura que Lamming faz de *A tempestade*, segundo ele mesmo, leva em conta as narrativas de viagem de Richard Hakluyt. Além do mais, Lamming vê a peça “através da experiência da Inglaterra na colonização” (Lamming, 1995, p. 13., tradução minha). Seu Caliban é o escravo negro que foi introduzido no Caribe e que também possui traços do índio caribenho. Para Lamming, tanto o escravo africano como o índio possuem o espírito de revolta que Próspero está determinado a dominar, quer pela força, quer pela língua. Lamming também enfatiza que a peça de Shakespeare é profética quanto ao futuro político vivido no Caribe, e particularmente por ele mesmo, que se considera um descendente exilado da colônia no século 20 (Id., *ibid.*). O tema central do livro é o displacement do escritor caribenho na “tempestuosa ilha e na

língua de Próspero” (Id., *ibid.*, tradução minha). Caliban é o colonizado e o excluído pela língua: “É exatamente esse presente – que é a língua –, essa tentativa de transformação que causa o prazer e o paradoxo do exílio de Caliban” (Id., *ibid.*, tradução minha). Caliban é exilado de sua cultura e de suas raízes. Miranda é sua metade inocente enquanto Próspero é, em suas palavras, um “imperialista por circunstância, um sádico por doença, e, acima de tudo, um velhaco no qual a inveja e a vingança estão igualmente presentes” (Id., *ibid.*, tradução minha). Mais tarde Lamming desenvolve, até certo ponto, estas considerações em seu romance *Water with berries* (1972).

Próspero também é visto como um opressor colonial pelo dramaturgo martiniquense Aimé Césaire, que publicou em 1969 uma apropriação d'A tempestade chamada *Une tempête*. Na peça de Césaire, Caliban é um escravo africano que louva a seus deuses, também africanos, enquanto Ariel é um escravo mulato. O primeiro está sempre clamando por liberdade, ameaçando Próspero com a possibilidade de revolta, enquanto o último obtém sua liberdade no tempo prometido. Caliban só é liberto no fim da peça quando todos os poderes de Próspero são diminuídos.

O escritor cubano Roberto Fernández Retamar (1971), em um ensaio sobre identidade cultural, *Caliban: Notes towards a Discussion of Culture in our America*, considera Caliban como o símbolo da cultura da América uma vez que ele aprende a língua do colonizador, mas a usa para poder amaldiçoá-lo. Aqui, outra vez, Próspero é visto como um imperialista, e Ariel é aquele que tem de escolher entre Caliban e Próspero, isto é, entre a cultura do nativo oprimido e a cultura do colonizador. Segundo Nadia Lie, Caliban “é uma releitura crítica d'A tempestade e ao mesmo tempo uma voz

representativa das margens” (Lie, D'haen, 1997:247, tradução minha). Ela também afirma que a obra de Retamar tem adquirido uma reputação comparável ao livro *Orientalismo*, de Edward Said, no estudo do pós-colonial.

O livro de Retamar inspirou o dramaturgo brasileiro Augusto Boal a escrever *A tempestade*. A peça de Boal foi publicada em Portugal em 1979. Aqui, Caliban é visto como um oprimido que define a si próprio como negro, índio e mestiço e, a exemplo do Caliban de Retamar, representa a América Latina. Como Retamar, Boal critica o neocolonialismo dos Estados Unidos. Seu Caliban representa todas as minorias oprimidas, e tem de lutar contra os antigos e os mais novos colonizadores, os europeus e os norte-americanos. (Apud, Santos, 1995).

A metáfora d'A tempestade também influenciou a poesia. O poeta de Barbados, Edward Brathwaite, escreveu uma coleção intitulada *Islands* (1969), na qual um dos poemas é chamado “Caliban”. Em seu poema, Brathwaite identifica Caliban com o escravo africano que passa por todo o sofrimento da escravidão e da colonização no Caribe. Apesar de toda a mutilação que sofre, Caliban consegue superar sua condição, ao manter-se fiel às suas tradições culturais.

Embora de forma diferente, a trajetória poética de Caliban foi, também, traçada por David Dabydeen em *Coolie Odyssey* (1988). É interessante notar que Dabydeen também é caribenho. Seu Caliban é visto através de sua relação com o mundo europeu, especialmente com a mulher européia, Miranda. Caliban e Miranda parecem ser cúmplices em seus desejos sexuais, embora Miranda ainda seja vista como um objeto do olhar masculino.

A metáfora de Caliban também foi levada para o Canadá. Em 1974, Max Dorsinville publicou *Caliban without Prospero: Essay on Quebec and Black Literature*, que enfoca a tenacidade cultural de Caliban. Ele usa a metáfora de Caliban e Próspero para analisar as complexidades da confrontação cultural no contexto do colonialismo.

É interessante notar que escritores do Canadá inglês também lêem e se apropriam d'A tempestade como uma alegoria política. No entanto, a tendência aqui é enfatizar Miranda em relação ao patriarcalismo e, algumas vezes, em relação também ao colonialismo. Como a filha do império, Miranda ocupa uma posição ambivalente na dicotomia do colonizador e do colonizado; pode ser vista ou como uma vítima da autoridade de Próspero, juntamente com Caliban, ou como uma aliada de Próspero na opressão do nativo. No entanto, essa ambivalência não é tão simplesmente resolvida nas apropriações canadenses, como na obra do escritor caribenho George Lamming, para quem Caliban e Miranda são vítimas de Próspero.

Desde a obra de Mannoni, nos anos cinquenta, Próspero e Caliban têm incorporado, respectivamente, as vozes do opressor e do oprimido. Caliban tem sido identificado com os índios da América, os escravos africanos, os assalariados, em suma, com qualquer outro grupo pertencente às minorias; enquanto Próspero tem sido retratado como um explorador, senhor de escravos ou até um empresário que subjuga e manipula os outros. Algumas vezes Ariel, e mais recentemente Miranda, também têm incorporado o papel de vítimas da autoridade masculina do

branco europeu. O uso d'A tempestade por escritores coloniais e pós-coloniais tem-lhe dado um status de metáfora, uma vez que a peça tem sido utilizada para expressar ansiedades sócio-políticas dos excluídos em qualquer parte do mundo. De fato, a peça está imersa em um ambíguo discurso colonialista, o que justifica o grande número de obras sócio-políticas e criativas que tem inspirado.

Como se pode perceber, Caliban tem tido o papel principal na metáfora d'A tempestade. Ele é quase sempre visto em oposição ao poder dominante de Próspero. É interessante lembrar que, como Francis Barker e Hulme afirmam (1985), existem A tempestade e também a peça de Próspero, as quais não são as mesmas. Na peça de Próspero todas as personagens são silenciadas, não existe possibilidade de rebelião, ou melhor, quando parece haver uma possibilidade de rebelião tudo se revela como fabricação do próprio Próspero. Dentro da peça de Próspero não há lugar para as reivindicações de Caliban. Felizmente, existe a peça de Shakespeare, na qual as complexidades são moldadas e Caliban tem, no mínimo, a possibilidade de praguejar.

Concluindo, gostaria de adicionar mais uma peça à formulação de Barker e Hulme: a peça de Caliban. Esta peça não é caracterizada por ambigüidades como a de Shakespeare; pelo contrário, nela podemos ouvir a voz de Caliban lutando contra a peça dominante de Próspero. Como esse breve estudo da metáfora d'A tempestade pôde nos mostrar, os Calibans pós-coloniais têm tido sua própria peça, e sua inscrição já não pode mais ser apagada.

BIBLIOGRAFIA

- ARNOLD**, James A. Caliban, culture, and nation-building in the Caribbean. In: LIE, Nadia, D'HAEN, Theo (Eds.). *Constellation Caliban: Figurations of a Character*. Amsterdam : Rodopi, 1997. 356p., p. 231-244.
- BARKER**, Francis, **HULME**, Peter. Nymphs and reapers heavily vanish: the discursive contexts of *The Tempest*. In: **DRAKAKIS**, John (Ed.). *Alternative Shakespeares*. London : Methuen, 1985. 2v., p. 191-205.
- BRATHWAITE**, Edward. *The Arrivants: a New World trilogy (Rights of Passage, Islands, Masks)*. New York : Oxford University Press, 1996.
- CARTELLI**, Thomas. Prospero in Africa: *The Tempest* as colonialist text and pretext. In: **HOWARD**, E., **O'CONNOR**, Marion F. *Shakespeare Reproduced: the text in history and ideology*. New York : Methuen, 1987. 292p., p. 99-155.
- CAWLEY**, Robert Ralston. "Shakspeare's use of the voyagers". *PMLA*, Baltimore, v. 41, p. 688-726, 1926.
- DABYDEEN**, David. *Coolie Odyssey*. London : Hansib Pub., 1988. 49p.
- DAYAN**, Joan. Playing Caliban: Césaire's *Tempest*. *Arizona Quarterly: a journal of American literature, culture, and theory*, [Tucson], v. 48, n. 4, p. 124-45, 1992.
- FANON**, Frantz. *Black skin, white masks*. New York : Grove Press, 1967. 232p.
- HULME**, Peter. The profit of language: George Lamming and the postcolonial novel. In: **WHITE**, Jonathan (Ed.). *Recasting the world: writing after Colonialism*. Baltimore : John Hopkins University Press, 1993. 255p., p. 120-133.
- LAMMING**, George. *The pleasures of exile*. London : Allison & Busby, 1995. 232p.
- LAMMING**, George. *Water with berries*. New York : Holt, Rinehart and Winston, 1971. 248p.
- MANNONI**, Octave. *Prospero and Caliban: the psychology of colonization*. New York : F. A. Praeger, 1993. 218p.
- NICOLL**, A. (Ed.). *Shakespeare in his own age*. Cambridge : Cambridge University Press, 1965.
- NIXON**, Rob. Caribbean and African appropriations of *The Tempest*. *Critical Inquiry*, Chicago, n.13, p. 557-579 , 1987.
- RETAMAR**, Roberto Fernández. *Caliban e outros ensaios*. São Paulo : Busca Vida, 1988.
- RODÓ**, José Enrique. *Ariel: breviário da juventude*. Rio de Janeiro : 1929. (Adapt. Hermes da Fonseca Filho)
- SANTOS**, Marlene Soares dos. Theatre for the oppressed: Augusto Boal's *A Tempestade*. In: **SENAPULLI** (27. : 1995 : Águas de Lindóia). *Anais do XXVII SENAPULLI*. Águas de Lindóia : ABRAPUI, 1995. p. 65-75.
- SHAKESPEARE**, William. *The Tempest*. London : Routledge, 1994. 174p.

TAKAKI, Ronald. *The Tempest* in the wilderness: the racialization of savagery. *Journal of American History*, v. 79, n. 3, p. 892-912, 1992.

VAUGHAN, Alden T., **VAUGHAN**, Virginia Mason. *Shakespeare's Caliban: a cultural history*. Cambridge : Cambridge University Press, 1991. 290p.